

## Televisão e acessibilidade: o uso de recursos de inclusão para o surdo no telejornal brasileiro

*Raphaela da Costa Moreira Azevedo dos Santos<sup>1</sup>*

*Fabiana Crispino Santos<sup>2</sup>*

### Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar como se dá a realização dos telejornais que têm como alvo o público surdo, além de tentar entender qual o resultado para a comunicação da utilização de recursos de acessibilidade como o *closed caption* e a janela de Libras. Questionou-se tanto a maneira como o público surdo interpreta a informação como a forma que esses espectadores se veem representados na mídia. Para aprofundar a discussão, escolheu-se como estudo de caso o telejornal *Visual*, exibido pela *TV Brasil*.

**Palavras-chave:** *Telejornalismo; Acessibilidade; Visual; Libras.*

### Introdução

Ao longo dos anos, a televisão tornou-se um item presente na maioria dos lares brasileiros. Mas se levarmos em consideração que se trata de um veículo audiovisual, será que o público com deficiência, em especial as pessoas surdas, têm acesso completo às informações disponibilizadas nos programas e telejornais? Embora haja leis para regulamentar a produção televisiva quanto à inclusão, será que os recursos oferecidos atualmente pelas emissoras são suficientes?

Com base nesses questionamentos, este artigo pretende entender melhor a produção de conteúdo telejornalístico que faz uso de ferramentas de acessibilidade para o espectador surdo. A ideia é refletir sobre como o público surdo é tratado como telespectador e como ele recebe a informação através dos telejornais, além de tentar compreender qual o

---

<sup>1</sup> Estudante de Graduação do 8º semestre do Curso de Jornalismo da UNISUAM, email: rapha\_rcmas@hotmail.com.

<sup>2</sup> Orientador do trabalho. Doutora em Estudos de Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio. Professora dos Cursos de Jornalismo do Ibmec/RJ e dos Cursos de Comunicação da UNISUAM, email: fabi\_crispino@yahoo.com.

resultado para a comunicação da utilização de recursos de acessibilidade como o *closed caption* e a janela de Libras.

### O surdo no Brasil e no mundo

A história dos surdos é marcada pela exclusão. Na Idade Média, além de serem considerados estranhos e motivo de curiosidade para o resto da população, os surdos não recebiam tratamento. Para se ter uma ideia, até meados de 1400, o indivíduo surdo era considerado um amaldiçoado, uma pessoa castigada pelos deuses.

De acordo com Veloso e Maia Filho (2009), só na Idade Moderna, a partir de aproximadamente 1453, foi que Bartollo Della Marca d'Ancora, um advogado, fez a primeira alusão de que o surdo poderia aprender, seja por uma língua de sinais ou oral. Alguns anos mais tarde, Girolamo Cardano veio concordar com o que d'Ancora considerou, que a surdez não impedia o desenvolvimento e aprendizagem. Mas somente em 1560, com a criação do livro *Refugium infirmorum*, do monge franciscano Yebra, é que a língua de sinais começou a ser difundida.

No Brasil, os primeiros passos para a educação de quem não ouvia começaram a ser dados em meados de 1855, por Eduard Huet. Huet era um professor surdo que chegou ao país com a aprovação do então imperador, Dom Pedro II. Ele veio para cá com o intuito de abrir uma escola para surdos, um público que até então era tido como ineducável no país.

O professor fundou, no Rio de Janeiro, a primeira escola para surdos do país, o Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES), baseado nas doutrinas educacionais surdas da Europa.

Assim, a língua de sinais começava a ser difundida em nosso país, e devido às origens francesas de Huet, acabou sofrendo grande influência da língua de sinais da França. No Brasil, a Língua Brasileira dos Sinais (Libras), reconhecida como segunda língua oficial do país em 2002, é constituída pela combinação de forma e movimento das duas mãos, da expressão corporal e do espaço onde se realizam os sinais (Amaral; Souza, 2002: 381).

Hoje em dia, a necessidade de popularização da Libras tem relação com o panorama da deficiência no Brasil. De acordo com o IBGE<sup>3</sup>, atualmente a população

---

<sup>3</sup> Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>. Acesso em: 01/06/2015.

brasileira é constituída de aproximadamente 204 milhões de pessoas, das quais 5,1% declaram ter deficiência auditiva e 2,1% declaram ter deficiência auditiva grave<sup>4</sup>.

Do mesmo modo, a situação da deficiência auditiva aparece nos meios de comunicação de massa. Levando-se em consideração que a televisão é o meio de comunicação mais utilizado atualmente e que 73% das pessoas assistem TV todos os dias<sup>5</sup>, há mais de 10 milhões de pessoas surdas ou com algum tipo de deficiência auditiva tentando assistir aos canais abertos de TV, que muitas vezes não disponibilizam nem *closed caption*<sup>6</sup>, nem janela de Libras<sup>7</sup>.

Apesar do crescimento das novas tecnologias nos últimos anos, apenas 42% dos brasileiros utilizam a internet<sup>8</sup>. Nesse panorama, portanto, percebe-se uma carência de programas com acessibilidade ao público surdo. Mas como tornar um canal ou programa acessível?

Primeiramente, acessibilidade é a possibilidade e condição de alcance para utilização do meio físico, meios de comunicação, produtos e serviços, por pessoas com deficiência (ABNT, 2004: 2). Diante dessa definição, um programa acessível é aquele que utiliza de recursos capazes de transmitir informação e entretenimento ao público com deficiência.

Existem quatro recursos principais que podem ser utilizados pelos canais para tornar sua programação acessível: o *closed caption* (legenda oculta); a janela de Libras; a dublagem e a áudio descrição de imagens, cada um com características específicas.

Como mencionado anteriormente, o *closed caption* é uma legenda oculta que aparece opcionalmente no televisor. Esse recurso – geralmente utilizado em programas de auditório, jornalísticos, esportivos, filmes, novelas, comerciais – pode ser pré-gravado ou oferecido ao vivo, durante o programa que está sendo exibido, ou seja, a legenda é produzida em tempo real, enquanto o programa está indo ao ar (ABNT NBR 15290: 2).

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-1,-2,-3,128&ind=4643>>. Acesso em: 01/06/2015.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em: 04/09/2015.

<sup>6</sup> Legenda oculta em texto que aparece opcionalmente na tela do televisor, a partir do acionamento do dispositivo decodificador, interno ou periférico. Disponível somente em televisores que possuam decodificador. Concebida originalmente para surdos (ABNT NBR 15290: 3).

<sup>7</sup> A NBR, Norma brasileira, descreve como janela de um espaço delimitado no vídeo onde as informações veiculadas na língua portuguesa são interpretadas através de LIBRAS.

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em: 04/09/2015..

A configuração off-line, ou pós-produzida, é a mais indicada, pois permite um tempo maior de produção, diminuindo o trabalho e aumentando a possibilidade de revisão do texto antes de ir ao ar. Para sua realização é necessário um programa de computador específico. O software transcreve não só o que está sendo dito, mas também as informações não-lineares, como ruídos, risos e aplausos, além da forma como cada fala está sendo dita. Esse recurso é utilizado em programas gravados, comerciais, filmes, novelas entre outros<sup>9</sup>.

Já a forma online ou em tempo real – também conhecida como legenda fechada – não segue um padrão de sincronismo com o que está sendo dito no programa. Por esse motivo, a legenda fechada não é a mais indicada, a não ser para os programas ao vivo. Essa legenda ainda pode ser produzida a partir de um estenótipo (teclado especial que representa letras e grupos de fonemas) ou de programas que reconhecem a voz e transcrevem o que está sendo dito para texto. Este recurso é utilizado em programas jornalísticos, esportivos, entre outros<sup>10</sup>.

Por sua vez, a janela de Libras é um espaço delimitado no vídeo, um recurso muito utilizado em propagandas eleitorais (ABNT NBR 15290: 3). Esse recurso disponibiliza um intérprete que fica traduzindo o que está sendo dito para a Libras. Além disso, de acordo com a ABNT NBR 15290/2005, o local da gravação deve ter espaço suficiente para que o intérprete não fique no fundo, e tenha um espaço de movimentação delimitado para não correr o risco da mão de quem estiver librando “vaze” do quadro.

Já o recurso da dublagem faz uma tradução de um produto que originalmente está em outra língua. (ABNT NBR 15290: 2). Por último, a áudio descrição de imagens funciona com a narração de sons, elementos visuais, gestos e peças de vestuário que aparecem na tela (ABNT NBR 15290: 2). Todos esses recursos estão disponíveis de acordo com a legislação brasileira<sup>11</sup>.

Embora exista a regulamentação e a diversidade da programação televisiva, o alcance do público surdo ainda é ineficiente, pois os recursos previstos por lei são pouco

---

<sup>9</sup> Disponível em:

<<http://www.aba.com.br/wp-content/uploads/content/564fc9348f92bac06382ccc2323682f5.pdf>>. Acesso em: 22/09/2015.

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> O artigo 1º da Lei Brasileira de inclusão da pessoa com deficiência destina-se a assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais para a pessoa com deficiência, visando à sua inclusão e cidadania. A Lei Nº13.146, de 6 de Julho de 2015, Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

ofertados. Devido a isso, parte desse público não tem acesso ao conteúdo audiovisual completo, ficando impossibilitado de receber de forma total as informações que estão sendo transmitida pelo veículo.

O curioso é que graças aos recursos tecnológicos atuais, os métodos de acessibilidade não exigem grandes dificuldades para serem aplicados, principalmente com a TV Digital.

Torres e Mazzoni (2007) consideram que a boa utilização dos recursos de acessibilidade nos canais brasileiros de TV aberta permitiria que o público que não pode ter um pleno aproveitamento dos recursos audiovisuais utilizados na televisão conseguisse receber a informação transmitida de forma satisfatória.

Pensando nisso, é importante aprofundar a discussão a respeito do uso das ferramentas de acessibilidade e de suas vantagens comunicativas, especialmente no que se refere ao telejornalismo.

### **O surdo, a televisão e o telejornal**

A ausência de acessibilidade, partindo-se da ideia de que as notícias são transmitidas somente em uma língua, o desconhecimento linguístico da maioria dos ouvintes a respeito dos conteúdos ligados a Libras, o desconhecimento dos surdos das regras ligadas à língua portuguesa, dentre outros fatores, são as razões que dificultam as relações entre ouvintes e surdos (Souza, 2008).

A televisão ocupa lugar de destaque na sociedade, sendo o veículo de comunicação de massa mais procurado pelo público. De acordo com Soulages (2008), os programas de televisão utilizam o telespectador como um integrante de uma comunidade pública. Ou seja, o coletivo não absorve apenas o expressado pelo telejornal, ele julga, comenta, discute e tira suas próprias conclusões a respeito do que vê.

Nesse processo, ainda conforme Soulages (2008), a produção midiática é construída dentro de três dispositivos, sendo eles a ficção<sup>12</sup>, a mostraçã<sup>13</sup> e o espetáculo<sup>14</sup>. Esses

---

<sup>12</sup> Cria um mundo verossímil através de técnicas herdadas do cinema, onde o quadro-cena pretende provocar processos de identificação-projeção do universo reconstituído no espectador (Figueiredo, 2012: 4).

<sup>13</sup> Através do recurso de quadro-percurso, enunciados da realidade são veiculados para dar impressão de não haver uma mediação explícita. O efeito gerado garante, ao telespectador, uma conexão com o mundo fenomenal restituído em sua verdade (Figueiredo, 2012: 4).

<sup>14</sup> Por meio do quadro-janela, o dispositivo busca abolir imaginariamente a cisão entre o universo espectral e o televisivo, tendo como finalidade atração.(Figueiredo, 2012: 5).

ainda se fundamentam em estratos, que operam como elementos que auxiliam o telespectador a discriminar e classificar os programas:

- I. Estrato plástico-sonoro: Constitui a matéria viva da estética do fluxo televisual. Cores, formas, texturas, luzes e superfícies aliadas às texturas musicais (tonalidade, ritmo).
- II. Estrato Icônico: Reagrupa elementos do cenário, ambiente e os modos como os sujeitos filmados aparecem (figurino, posturas).
- III. Estrato-escópio: Coloca em jogo a proximidade ou distância entre protagonistas da cena.
- IV. Estrato-cinético: Dinâmica das tomadas de câmera, movimentos, fragmentos da imagem, duração dos planos, transição, efeitos de câmera e tonalidade do programa.
- V. Estrato marcado pela distribuição de diferentes tipos de quadro: formas de expressão, sustentam as diferentes atitudes ou posturas espectatoriais.
- VI. Estrato narrativo/identitário: Remete ao estatuto dos sujeitos filmados, identidade de gênero, social, midiático, colocando em jogo regimes de credibilidade divergentes.
- VII. Estrato comunicacional: Está associado a papéis e comportamentos reforçados pelos protagonistas de cada performance.
- VIII. Estrato verbal: Registro de língua, prosódia.

Dentro da estrutura televisiva, os telejornais funcionam como disseminadores de informação, cumprindo um papel político e social. Tal função se concretiza com a percepção do jornalista sobre o fato. Sendo assim, o telejornalismo apresenta a “realidade” de maneira audiovisual. Apesar de contar com os cortes e edições, as matérias não são fictícias, elas relatam um recorte, um relato do acontecido.

Essa apresentação é de suma importância para o público, pois é através do telejornalismo, e do jornalismo de um modo geral, que as informações chegam até a população. No caso do telejornalismo, apresenta-se um tipo de linguagem (audiovisual) que facilita o entendimento de quem assiste.

Diante dessa importância, percebe-se que o público surdo que assiste à televisão tem o entendimento comprometido, devido ao fato do surdo receber somente o componente visual, sem o complemento do áudio.

Na construção de suas mensagens, os telejornais são constituídos a partir da concomitância de três linguagens: visual, verbal e sonora. A linguagem visual se dá por mudanças de câmeras e de planos, como um leve *zoom in* de primeiro plano para o *close* (Rezende, 2000: 229). Os enquadramentos exploram dispositivos expressivos para que haja interação entre apresentador e espectador. Gutmann (2012: 68) discorre sobre, pelo menos, quatro tipos de ênfase que remetem a situação de uma conversa:

- I. Distanciamento
- II. Aproximação entre os sujeitos do discurso
- III. Ênfase argumentativa

- IV. Inclusão do interlocutor na cena comunicativa. Nesse caso, os planos e movimentos de câmera articuladas aos textos verbais, funcionam como proficuas estratégias discursivas para os atos conversacionais.

Sobretudo, vê-se que através da linguagem visual é possível discernir o local onde ocorre a ação, a relevância da informação ou pessoa apresentada, modificação do assunto o qual está sendo apresentado, transmitir emoções e sensações, como se o espectador estivesse presente no fato, além de proporcionar agilidade e dinâmica ao telejornal.

Já a linguagem verbal utiliza como principais recursos de comunicação a fala e a escrita. Neste quesito os profissionais de jornalismo utilizam-se de frases curtas, claras e objetivas, com palavras simples escritas na ordem direta<sup>15</sup>. Além disso, o repórter deve evitar o uso de cacófatos, de figuras de linguagem e de pronomes possessivos como “sua”, pois o telespectador que liga a televisão no meio de uma reportagem e escuta o termo, pode achar que o repórter está falando diretamente com ele, ao invés de estar fazendo referência a algo de posse do entrevistado.

Por sua vez, a linguagem sonora contribui para a reinterpretação e o redimensionamento individual do sentido do que está sendo transmitido (Calegari, 2012: 23). Ou seja, assim como a linguagem visual, a linguagem sonora pode transmitir uma dinâmica no meio da matéria, ou mesmo um “respiro” sobre o que está sendo dito. Porém ela ainda pode promover uma reinterpretação da imagem mostrada.

Por exemplo, quando se assiste imagens radicais, o som que dá ritmo a matéria tem que remeter o telespectador a esse tipo de aventura. Se ao invés desse tipo de som houvesse no lugar uma trilha triste, melancólica, o espectador ficaria esperando que algo ruim acontecesse.

Diferentemente do rádio, para que haja um entendimento pleno das matérias transmitidas pela televisão, faz-se necessário que o telespectador preste atenção e consiga perceber esses três elementos. Caso isso não ocorra, o receptor não conseguirá receber por completo a informação transmitida.

Por exemplo, se o espectador está apenas ouvindo a matéria veiculada na televisão, provavelmente as informações de complemento (imagens de apoio) que são passadas durante os *offs*<sup>16</sup> serão dados não recebidos. Com isso, a informação chega pela metade, causando um não entendimento do que estava sendo noticiado.

<sup>15</sup> Disponível em <<http://www.editora-arara-azul.com.br/revista/02/compar2.php>>. Acesso em: 21/10/2015..

<sup>16</sup> Texto gravado pelos repórteres que será inserido sobre as imagens que foram captadas.

Diante desse exemplo, torna-se não apenas possível perceber como o público surdo se sente no dia-a-dia como espectador dos telejornais como também necessário discutir como um programa deve ser produzido para se tornar acessível aos não ouvintes.

Como visto, a luta dos surdos é marcada pela exclusão. Uma parcela desse problema pode vir da falta de pautas jornalísticas sobre esse público, além da falta de pessoas surdas como representação nos meios de comunicação de massa.

A construção da identidade, de um modo geral, se dá a partir da representação. Quando um determinado grupo social é representado na mídia, este conseqüentemente, adquire reconhecimento. O senso comum, inúmeras vezes, percebe o que está na mídia como verdadeiro e incontestável, pois provém de um discurso que “sabe”, que “investiga” aquilo que torna público. Conseqüentemente, este discurso detém o poder de formar opiniões sobre o que se escreve ou apresenta (Silveira, 2008: 2).

Para Silveira (2008: 2), a representação estabelece identidades individuais e coletivas, e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia são capazes de responder perguntas como “quem eu sou?”:

Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. [...] Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade. [...] Assim, os surdos, por causa de toda sua história das representações construídas pelos ouvintes, também são colocados como numa posição: ou coitadinhos, ou vencedores, ou “normais”, etc.

Apesar dos avanços tecnológicos em relação à televisão, e dos recursos de acessibilidade criados, poucos são os programas que utilizam o recurso de Libras para transmitir a informação, e também poucos são aqueles que utilizam o surdo, ou assuntos que envolvem esse universo, como pauta.

Assim, se as representações se formam a partir dos lugares que o indivíduo pode se posicionar e falar, no caso da televisão, isso pouco se dá em relação ao público surdo. Diante disso, como se dá a compreensão do surdo sobre as matérias de TV?

Atualmente, devido às leis de acessibilidade que se aplicam aos veículos de comunicação televisivos, muitos programas utilizam como recurso de acessibilidade o *closed caption*. Porém, ocorre que a maior parte da população surda no Brasil tem dificuldade em ler e escrever o português (Mendez e Novaes, 2003: 134).

Como a maioria dos surdos utiliza como primeira língua, ou única forma de comunicação a Libras, torna-se uma dificuldade a recepção de informação através do texto escrito. De acordo com Lira (2003), as legendas automatizadas em português, em

substituição aos textos sonoros produzidos pelos meios de comunicação via *closed caption* ou mesmo legendas de melhor qualidade, produzidas para vídeos ou para filmes, não têm atendido de forma satisfatória a grande maioria da comunidade surda brasileira, que utiliza a Libras como primeira Língua.

Em contrapartida, existe outro recurso que torna acessível um programa ou matéria de TV, a janela de Libras. Uma pesquisa realizada por Saulo de Souza (2008: 9) revela que existe uma percepção completamente diferente por parte do surdo quando a matéria é apresentada com uma tradução simultânea para Libras:

Com a presença da tradução de Libras, as notícias foram percebidas melhor pelos sujeitos, revelando opiniões concatenadas com o assunto da notícia. Já as notícias que não tiveram acompanhamento pela LS [Língua de Sinais], tiveram sua apreensão afetada pela concepção pessoal de que cada sujeito possuía sobre a ideia do fato que estava sendo exibido visualmente. Por exemplo, uma notícia sobre a explosão próxima a um gasoduto da Petrobrás na Bolívia foi associada a uma guerra que estaria acontecendo naquele país.

Portanto, o surdo que não domina a língua portuguesa acaba por ter uma assimilação superficial, ou errônea, do fato apresentado, pois apenas consegue receber o conteúdo de imagens, perdendo o conteúdo verbal apresentado.

Com isso em mente, é preciso analisar como os telejornais que não apresentam a Libras como um recurso de acessibilidade se comparam aos que utilizam esse recurso. Dessa forma, será analisada a estrutura do jornal *Visual*, produzido pela EBC, *Empresa Brasileira de Comunicação*, exibido pela *TV Brasil*.

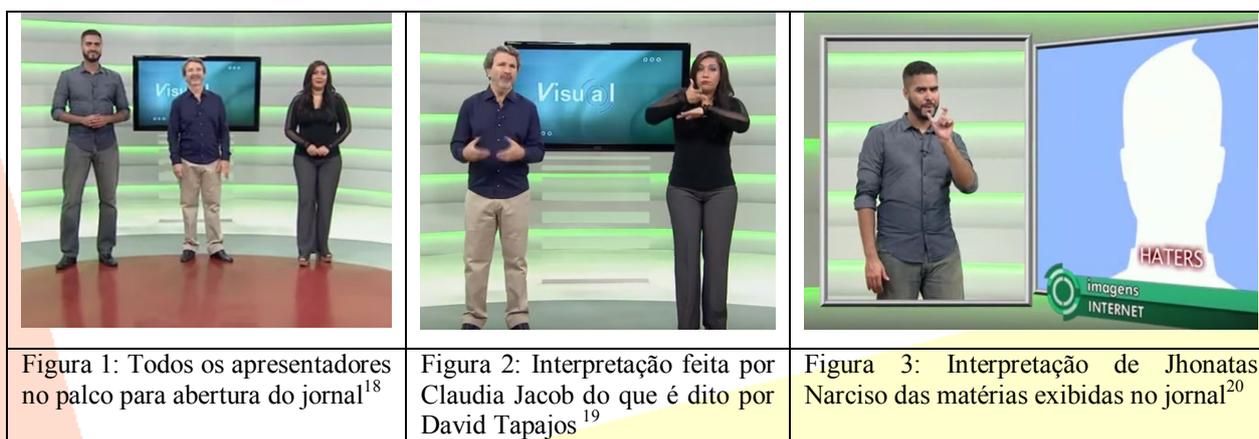
### Estudo de caso: *Visual*

O *Visual*, jornal diário produzido pela EBC e apresentado pela *TV Brasil* teve sua estreia em 1988, sob o nome de *Jornal Visual*. O programa foi um telejornal pioneiro na transmissão de informações à comunidade surda, com assuntos variados sendo abordados, desde reportagens sobre a inclusão dos surdos até as principais notícias do Brasil e do mundo. O telejornal tem duração de quinze minutos, sendo exibido de segunda à sexta-feira, entre 8h e 8h15. Além da *TV Brasil*, o programa também vai ao ar na web, pela *TV INES*<sup>17</sup>.

O jornal possui três apresentadores, Claudia Jacob, David Tapajos e Jhonatas Narciso, que se revezam. A dinâmica do *Visual* varia a cada apresentação, podendo haver

<sup>17</sup> Disponível em: <[http://tvines.com.br/?page\\_id=136](http://tvines.com.br/?page_id=136)>. Acesso em: 04/11/2015.

apenas dois âncoras no palco, um interpretando todo o programa, inclusive as matérias, e o outro que se expressando através da voz, ou ainda os três estarem no palco ao mesmo tempo (Figura 1), um se expressando por voz, outro interpretando em Libras o que está sendo dito por aquele que está utilizando a voz (Figura 2), e o outro que interpreta as matérias (Figura 3).



Como apresentado anteriormente, Soulages (2008) separa em estratos os elementos que permitem o telespectador classificar os programas. Dessa forma, é possível observar como estes estratos se aplicam no jornal *Visual*.

O estrato plástico-sonoro é marcado pela ambientação do cenário e do estúdio, tornando possível ao telespectador identificar o gênero do programa exibido. O fundo apresenta tonalidades de verde e cinza, em sua predominância, o que proporciona ao público uma visualização mais clara dos apresentadores, e conseqüentemente, dos sinais apresentados por eles, além de não cansar o olhar.

O estrato icônico é marcado pela técnica da imagem móvel. Como organização narrativa, o *Visual* apresenta o gênero jornalístico informativo, mostrando imparcialidade e isenção na transmissão das notícias. Além das cores de fundo do programa, que transmitem uma ideia de seriedade, o jornal também apoia sua credibilidade em uma questão social, com o uso da acessibilidade em Libras. A informação é dada em conciliação entre a língua portuguesa e a língua de sinais, sem contar o fato de narrador e intérprete terem a mesma importância no vídeo.

<sup>18</sup> Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/visual/episodio/visual-19102015>>. Acesso em: 04/11/2015.

<sup>19</sup> Idem.

<sup>20</sup> Idem.

Nas imagens apresentadas acima, é possível perceber ainda uma distinção de vestimenta entre os apresentadores. Os dois que seriam os transmissores da informação, ou seja, o que está na posição de apresentador do telejornal, e o intérprete das matérias exibidas apresentam vestimenta mais formal, adequada a um jornalista. Do outro lado está a intérprete do apresentador, com um figurino que chama menos atenção para ela, o que contribui no entendimento dos sinais feitos. O preto costuma ser muito utilizado por intérpretes por esse motivo.

O estrato escópico é representado pela forma como o programa é mostrado ao público. No caso do *Visual*, utiliza-se o plano americano (PA), ou seja, o enquadramento é marcado do joelho para cima; o plano médio (PM), que apresenta o corpo inteiro da pessoa na cena; e ainda o plano geral (PG), que tem um ângulo de visão aberto, revelando todo o cenário<sup>21</sup>. O PA costuma ser muito utilizado no gênero jornalístico, pois esse recorte adquire estrutura pelo estrato cinético, fixando a câmera no apresentador, o que possibilita longas narrativas e comunicação espaço-visual.

O estrato cinético apresenta câmera fixa, ou seja, sem movimentos. Isso tem por finalidade privilegiar a comunicação. Isso porque, durante a exibição das matérias, existe uma divisão de tela (Figura 3), o que facilita a visualização dos sinais feito pelo intérprete.

O estrato narrativo/identitário traz as imagens móveis. Assim como nas questões do cenário do programa, o enquadramento e as cores apresentadas, esse estrato localiza o intérprete e o apresentador, e a forma como eles se apresentam. Os três apresentadores em questão apresentam domínio da Libras, bem como domínio oral do português.

Por sua vez, o estrato comunicacional e o verbal são marcados pelo comportamento e o registro da língua, respectivamente. A imagem se organiza de maneira clara e direta com o objetivo de passar credibilidade, imparcialidade e compromisso com a verdade. Além disso, o estrato verbal é transmitido através das duas Línguas do país: A língua portuguesa e a Língua brasileira de sinais.

Tendo em mente a ilustração da questão comunicacional, propôs-se a um espectador surdo que assistisse a uma reportagem de diferentes formas. A ideia era observar a compreensão sobre as matérias transmitidas obtida em cada uma das vezes.

Aúlio Nobrega, de 38 anos, formado no ensino superior em pedagogia bilíngue, é apresentador do programa *Cinemão*, exibido pela *TV Ines* e produzido pela ACERP

---

<sup>21</sup> Disponível em <<http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>>. Acesso em: 06/11/2015.

(*Associação de comunicação educativa Roquette Pinto*). Nóbrega nasceu ouvinte, porém como seus pais eram parentes próximos, acabou ficando surdo depois que nasceu, devido a uma condição genética.

Como forma de se ter uma melhor percepção a respeito do entendimento do surdo sobre os telejornais, propôs-se a ele que assistisse a uma matéria de três maneiras diferentes, sendo elas:

1. Assistir à matéria recebendo apenas o conteúdo transmitido através de imagens;
2. Assistir à matéria recebendo o conteúdo pela imagem e pela legenda;
3. Assistir à matéria recebendo o conteúdo por imagem, legenda e Libras.

A matéria mostrada a Áulio Nóbrega tinha duração de 3min20s e falava do lançamento de um aplicativo para tratar da intolerância na internet cometida por *haters*, pessoas que têm o prazer em disseminar o ódio na internet. Tendo apenas o recurso visual como meio de obter informação, essas foram as impressões do espectador:

Para mim, pelo que eu vi nas imagens, percebi o gráfico do Brasil. Parece que tem *hackers*, alguma coisa envolvendo computador e a sociedade. Foi rápido que passaram as imagens falando. Foi o que entendi, mas explicar o que é, eu não sei, por que a pessoa está falando e eu não consigo entender porque não tem legenda e não tem língua de sinais.

Ao ser incluída a legenda, a compreensão foi alterada:

Fala sobre uma rede social que a sociedade usa de diversas formas, para atacar outras pessoas. Um problema social que pode trazer violência, racismo, e isso é proporcionado por conta da rede. Se acontecer esse tipo de situação, é preciso que a gente faça uma denúncia para saber quem está fazendo esse ataque. Tem um código penal específico para isso. A reportagem mostra o cuidado que se deve ter se isso acontecer, acho que isso é o foco da reportagem. No final, entendo que já tem um número grande de casos como esse, e se as pessoas denunciarem a polícia pode achar o responsável e essa pessoa será presa.

O relato da matéria telejornalística só se torna completo depois que Nóbrega tem acesso ao material contendo a Libras, a legenda e a imagem:

Dentro do que eu já tinha visto, [a matéria] fala justamente quando você quer ir contra uma pessoa, fala sobre homossexualismo, religião, todo tipo de preconceito. É quando você assedia uma pessoa dessa forma, usando sempre a tecnologia para isso, seja através de email ou rede social. Então, a rede tem um lado bom, mas também temos que pensar na rede como um lado negativo, exemplo, o que aconteceu na praia. Foram feitos relatos contra várias pessoas da raça negra na internet. A rede tem o lado bom e um lado negativo como esse, e a tecnologia tem favorecido esses atos, então é preciso conscientizar as pessoas. O código penal tem um artigo específico que pode prender essas pessoas racistas, porque é um crime, e [o culpado] pode ficar três anos preso dependendo do caso. No final, explica que está sendo desenvolvida uma pesquisa com base em estatísticas desses crimes.

Ao final das três exibições, o entrevistado comentou sobre a dificuldade que sentiu:

Algumas palavras eram conhecidas e outras não. As palavras desconhecidas eu precisaria pesquisar para saber o que queriam dizer, mas dá para pegar uma informação mais geral. Consigo entender o contexto, ignorando uma palavra ou outra. Mas temos que pensar, por exemplo, no surdo que não consegue ler.

Dessa forma, no que envolve o processo de transmissão da informação, é fundamental o papel da televisão na sociedade contemporânea. Afinal, são os telejornais os responsáveis por interpretar acontecimentos e repassá-los à sociedade. Nesse contexto, são as notícias transmitidas através da Libras que permitem ao surdo a inserção na realidade da qual faz parte.

Embora a experiência com o telespectador surdo tenha sido realizada a título de observação e ilustração, ela confirma que o telejornal que utiliza o recurso de Libras como meio para comunicar ao surdo contribui para que ele se sinta representado e assistido, fazendo valer seu papel como cidadão.

Além disso, no caso do jornal *Visual*, a contribuição inclui fazer com que o público ouvinte se envolva com a segunda língua do seu país, tornando-se assim, um programa que comunica ao público surdo, mas que não exclui o ouvinte.

## Conclusão

Com bases nas ideias de Gesser (2014), entende-se que é necessário falar as pessoas sobre o universo dos surdos, pois pouco ainda se sabe sobre isso. A autora defende a relevância de passar adiante informações sobre a Língua brasileira de sinais, reconhecida pelo governo brasileiro e por acadêmicos como modo mais eficaz para desenvolvimento e comunicação do surdo.

Nesse processo, a mídia é essencial, uma vez que pode ajudar na conscientização e combate às injustiças sociais. Além disso, através da tecnologia, muito se avançou em questões sobre acessibilidade e mídias acessíveis.

Este artigo se baseou na perspectiva de que, embora considerado minoria, o surdo também tem direito à informação. Para que o artigo da Constituição Brasileira que prevê o direito de todos à informação seja cumprido, faz-se necessário a utilização de recursos que incluam o surdo como receptor da mensagem, pensando-se tanto nos surdos que sabem o português, e podem ler as legendas, como naqueles que não sabem, e requerem a presença

de um interprete de Libras. Mais ainda, a representação da comunidade surda se dá também pela representação dessa parcela de público nas matérias telejornalísticas.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, S. T.; SOUZA, M.C. O direito de ouvir com os olhos nas TVs brasileiras de sinal aberto. *Revista Intertemas*. São Paulo: Vol 12, p.357-386. Disponível em: <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/INTERTEMAS/article/viewFile/740/739>>. Acesso em: 31/08/2015.

CALEGARI, G.H. *A sonorização como produtora de sentido no telejornalismo esportivo do esporte espetacular*. Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/67257/000871829.pdf?sequence=>>>. Acesso em: 17/11/2015.

EIJI, H. *Cultura surda*. Disponível em: <<http://culturasurda.net/idade-media-moderna/>>. Acesso em: 21/08/2015.

FIGUEIREDO, I.V. Os surdos na televisão: Análise dos imaginários sociodiscursivos veiculados em reportagens do Jornal Visual. *Rumores*. São Paulo, Ed 11, Ano 6, Nº1, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51299/55366>>. Acesso em 21/10/2015.

GESSER, A. *Libras? Que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola, 2014.

GUTMANN, J.F. O que dizem os enquadramentos de câmera no telejornal? Um olhar sobre formas audiovisuais contemporâneas do jornalismo – Versão em português-. *Brazilian Journalism Research*. Brasília: Vol 08, Nº: 02, 2012. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:4NRjnwFsxNUJ:bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/download/422/379+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 26/10/2015.

LIRA, G.A. *O impacto da tecnologia na educação e inclusão social da pessoa portadora de deficiência auditiva: Libras tradutor digital português x Língua brasileira de sinais-Libras*. 2003. Disponível em: <<http://www.senac.br/bts/293/boltec293d.htm>>. Acesso em: 31/10/2015.

NOBREGA, Aurelio. Entrevista a Raphaela da Costa Moreira Azevedo dos Santos [09/11/2015].

PRIMEIRO Filme. *Enquadramentos: planos e ângulos*. Disponível em: <<http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>>. Acesso em: 06/11/2015

REZENDE, G.J. *Telejornalismo no Brasil: Um perfil editorial*. 2000. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=HY\\_lonZ6CK8C&printsec=frontcover&dq=guilherme+jorge+de+rezende+livro+download&hl=pt-BR&sa=X&ved=0CBsQ6AEwAGoVChMIsl-47PzjyAIVCEEmCh0tfgGb#v=onepage&q=guilherme%20jorge%20de%20rezende%20livro%20download&f=false](https://books.google.com.br/books?id=HY_lonZ6CK8C&printsec=frontcover&dq=guilherme+jorge+de+rezende+livro+download&hl=pt-BR&sa=X&ved=0CBsQ6AEwAGoVChMIsl-47PzjyAIVCEEmCh0tfgGb#v=onepage&q=guilherme%20jorge%20de%20rezende%20livro%20download&f=false)>. Acesso em: 27/10/2015.

SILVEIRA, C.H. Representação de surdos/as matérias de jornais e revistas brasileiras. *Revista Centro de educação*. Santa Maria, 2008, Vol 33, n 01. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2008/01/a11.htm>>. Acesso em: 16/11/2015.

SOUZA, S.X. Sentidos do outro lado: Percepção da mensagem de notícias do telejornal local de TV aberta. “Jornal do 10” por sujeitos surdos. *Arara Azul*. Rio de Janeiro, 2008 Vol 02. Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/revista/02/compar2.php>>. Acesso em: 21/10/2015.

TORRES, E.F; MAZZONI, A.A. *O direito de acesso à informação nos meios televisivos: Onde está a inclusão*. Brasília: Inclusão social brasileira, Vol 02, N 01, p 77, 2007 Disponível em: <<http://revista.ibict.br/inclusao/index.php/inclusao/article/viewFile/44/71>>. Acesso em: 17/11/2015.

VELOSO, E.; FILHO, V.M. *Aprenda Libras com eficiência e rapidez*. Curitiba: Mãos sinais, 2014.